

MUSEUS, ARQUIVOS PESSOAIS E MEMÓRIAS COLETIVAS – UMA ANÁLISE BASEADA NA EXPERIÊNCIA DE SISTEMATIZAÇÃO DO FUNDO WALDISA RÚSSIO NO ARQUIVO DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Viviane Panelli Sarraf I Pós Doutora em Museologia pelo PPGmus-USP, Pesquisadora Responsável/Principal pelo Projeto Jovem Pesquisador FAPESP “O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional” sediado no IEB-USP. E-mail: vsarraf@gmail.com.

Paula Talib Assad I Mestranda no Programa de Pós-Graduação interunidades em Museologia da USP. Atuou como Bolsista de Treinamento Técnico Nível III junto ao projeto “O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional”. E-mail: paula.assad@usp.br.

Karoliny Aparecida de Lima Borges I Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB/USP. É graduada em História pela Universidade de São Paulo. E-mail: karoliny.borges@usp.br.

Sophia Oliveira Novaes I Bacharel em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo FAU-USP. Bolsista CNPq no IEB USP. E-mail: sophiadenovaes@usp.br.

Guilherme Lassabia Godoy I Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e estagiário do Arquivo IEB-USP. E-mail: guilherme.lassabia.godoy@usp.br.

Carlos Augusto de Oliveira I Mestre em Museologia, é professor de Geografia no Ensino Básico e atua como voluntário no IEB-USP junto ao projeto "O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional". E-mail: cao@alumni.usp.br.

Lia Cazumi Yokoyama Emi I Mestre em História Social pela FFLCH-USP, Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo IP-USP, voluntária no projeto “O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional”. E-mail: liaprojs@yahoo.com.br.

RESUMO

O presente trabalho procura apresentar reflexão acerca da relevância e possibilidade de musealização de Arquivos Pessoais no reconhecimento de Memórias Coletivas a partir do trabalho sobre o Fundo Waldisa Rússio Camargo Guarnieri salvaguardado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) e tratado no âmbito do Projeto Jovem Pesquisador “O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional”. Parte de uma breve descrição do Fundo para apresentar como se dá seu tratamento e, então, contextualiza a figura de Waldisa Rússio e discute as relações possíveis entre Museus, Arquivos Pessoais e Memórias Coletivas a partir do caso estudado. As proposições de tratamento e interpretação do trabalho seguem os pressupostos de referências da área da museologia: Rússio, Desvallées & Mairesse e Meneses, ancorando-se nas teorias e conceitos sobre a formação, organização e pesquisa de arquivos pessoais de Camargo, Heyman, Smit e Farge e em bibliografia interdisciplinar que embasa as referências acerca das memórias coletivas: Nora, Benjamin e Pinto.

Palavras-chave: Waldisa Rússio. Arquivos Pessoais. Memórias Coletivas. Museologia. Arquivologia.

ABSTRACT

The present work present a reflection about the relevance and possibility of musealization of Personal Archives in the recognition of Collective Memories based on the work on the Waldisa Rússio Camargo Guarnieri Fund safeguarded at the Institute of Brazilian Studies of the University of São Paulo (IEB-USP) and treated in scope of the Young Researcher Project “Waldisa Rússio’s Theoretical Legacy for International Museology”. It starts with a brief description of the Fund to present how it is treated and then contextualizes the figure of Waldisa Rússio and discusses the possible relationships between Museums, Personal Archives

and Collective Memories based on the case studied. The proposals for treatment and interpretation of the work follow the presuppositions of references in the field of museology: Rússio, Desvallées & Mairesse and Meneses, anchoring on the theories and concepts about the formation, organization and research about personal archives of Camargo, Heyman, Smit and Farge and in interdisciplinary bibliography that give bases to the references about collective memories: Nora, Benjamin and Pinto.

Keywords: Waldisa Rússio. Personal Archives. Collective Memories. Museology. Archivology.

Projeto Jovem Pesquisador “O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional”

O projeto de pesquisa “O Legado Teórico de Waldisa Rússio para a Museologia Internacional”, realizado sob a coordenação da pesquisadora Viviane Panelli Sarraf no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), propõe a investigação, análise, sistematização e desenvolvimento de estratégias de reconhecimento da contribuição teórica e empírica da museóloga.

O principal objetivo da investigação é a sistematização da produção da autora, bem como o seu impacto em diferentes contextos: regional, nacional e internacional. Também consideramos de grande importância a difusão de seu legado em diferentes ações como na participação e organização de eventos acadêmicos, intercâmbios de docência, participação e organização de publicações e realização de oficinas criativas.

Nas ações cotidianas, a equipe formada por bolsistas de Treinamento Técnico, Iniciação Científica e Mestrado e estagiários, assim como voluntários¹, sob a coordenação acadêmica da Dra. Viviane Panelli Sarraf e a supervisão técnica da equipe dos colaboradores do Arquivo do IEB-USP, trabalha na organização, descrição e conservação preventiva do Fundo Waldisa Rússio, composto de aproximadamente 25 mil documentos. Essas atividades são desenvolvidas nas dependências do Arquivo do IEB-USP, instituição responsável pela salvaguarda do referido fundo. Somam-se a essas ações, a pesquisa bibliográfica e de campo sobre a produção teórica e empírica de Waldisa, as ações de difusão e as colaborações em parceria com outras instituições que participaram da trajetória profissional da autora.

Para alcançar os objetivos propostos e resultados esperados, é necessário realizar uma série de procedimentos para que as dimensões de preservação e difusão do legado de Waldisa se tornem acessíveis e conhecidos pelas comunidades de interesse.

A investigação sobre seu legado teórico não poderia deixar de considerar toda sua trajetória profissional desenvolvida em órgãos públicos, instituições museológicas brasileiras e internacionais e em conselhos e comitês da área da museologia e preservação do patrimônio, e tem como principal fonte os documentos que compõem o Fundo Waldisa Rússio. A equipe trabalha diariamente no processamento técnico e na pesquisa dos documentos do Fundo do arquivo e, eventualmente, na coleção especial de livros que pertenceram a Waldisa. Estes se encontram na Biblioteca do IEB-USP.

A metodologia adotada para a organização e descrição dos documentos do Fundo Waldisa Rússio segue as diretrizes das áreas de Ciência da Informação, Arquivística, Museologia e Estudos para Obra em Arquivos Pessoais. Essa metodologia é adotada para todos os fundos organizados ou em fase de organização no Arquivo do IEB-USP, sob a supervisão técnica de colaboradores e pesquisadores especializados.

O Quadro de Arranjo é uma das principais ferramentas dessa metodologia que tem como objetivo sistematizar a organização do acervo por grupos que definem as atuações de Waldisa Rússio, produtora do fundo em questão. De caráter funcional, ou seja, “que tem por eixo as funções desempenhadas pela entidade produtora do arquivo” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 38), no caso a titular do Fundo, o quadro de arranjo do Fundo Waldisa Rússio está em fase de consolidação e vem sendo construído desde o início do projeto levando em consideração a produção teórica da museóloga, suas frentes de atuação profissional, assim como referenciais bibliográficos e empíricos de sua obra, além da documentação relacionada à sua vida pessoal, familiar e outros universos de interesse.

Sendo assim, a criação de um grupo no quadro de arranjo do Fundo Waldisa Rússio, como por exemplo do Grupo Docência, se dá pela existência de documentos que comprovam a atuação de Waldisa como docente em algum momento de sua vida, sendo que, por sua vez, esses documentos existem somente porque foram produzidos durante o dia a dia de Rússio como professora.

Além da organização e descrição dos documentos sob guarda do referido instituto, realizamos investigações

¹ Pesquisadora associada: Profa. Titular Maria Cristina Oliveira Bruno; Bolsistas Treinamento Técnico III: Léa Blezer Araújo (janeiro a abril 2018) e Paula Talib Assad (maio de 2018 a janeiro de 2020); Bolsista de Mestrado: Karoliny Ap. de L. Borges (desde setembro de 2019); Bolsistas de Iniciação Científica: Sophia de Oliveira Novaes (desde fevereiro de 2018) e Gustavo Henrique Carvalho Fagundes (maio de 2019 a fevereiro de 2020); Estagiário: Guilherme Lassabia Godoy (desde maio de 2018); Voluntários: Jacira Quarenta, Lucas Peng, Aline Izabel Costa Carvalho, Lia Cazumi Yokoyama Emi e Carlos Augusto de Oliveira.

em outras instituições que contaram com a colaboração da museóloga. Trata-se da pesquisa de campo, realizada pela equipe do projeto em três frentes de atuação:

1. gravação de depoimentos com pessoas que conheceram Waldisa, seja no âmbito pessoal, seja no âmbito profissional – familiares, colegas de trabalho, ex-alunos, ex-estagiários e parceiros de conselhos e comitês nacionais e internacionais; além dos depoimentos, em alguns casos os depoentes compartilham documentos relacionados à museóloga para digitalização, o que complementa as fontes de pesquisa do projeto;
2. pesquisa em centros de documentação, arquivos e bibliotecas de outras instituições;
3. visitas técnicas em instituições de interesse.

Vale ressaltar que desde o início do projeto foi possível realizar um conjunto significativo de ações de pesquisa de campo que levou à composição da documentação complementar incorporada atualmente ao Fundo Waldisa Rússio.

A gravação de depoimentos com pessoas físicas e empréstimo de documentos para digitalização tem início com a elaboração de um roteiro de entrevista de acordo com a relação que o entrevistado teve com Waldisa. Essas informações são organizadas a partir das pesquisas já iniciadas nos documentos que compõem o Fundo Waldisa. As gravações são realizadas em local escolhido em comum acordo e, até o momento, foram feitas no Arquivo do IEB-USP, na residência ou nas instituições onde atuam essas pessoas.

As visitas técnicas realizadas pela equipe do projeto nas instituições e lugares relacionados à atuação de Waldisa são organizadas de acordo com o interesse mútuo da instituição e do projeto.

As ações de difusão do projeto vêm ocorrendo desde o início de 2018 com o objetivo de divulgar os resultados preliminares da pesquisa e aproximar as proposições teóricas de Waldisa Rússio com diferentes públicos: profissionais e pesquisadores interessados em temas correlatos e estudantes e demais beneficiários de ações culturais e de preservação do patrimônio. Tais ações dialogam com o conceito de extroversão que será discutido mais adiante.

Vale pontuar, ainda, que incentivamos os bolsistas e demais membros da equipe do projeto a proporem novas atividades e a se envolverem na elaboração das propostas, sejam elas de caráter teórico, informativo ou criativo. Nesse sentido, é possível afirmar que essa oportunidade mostrou resultados positivos, uma vez que o legado de Waldisa Rússio pode ser compartilhado com diferentes beneficiários, ampliando o alcance do projeto para além das fronteiras científicas.

A combinação entre a metodologia de organização do Fundo e o desenvolvimento das ações de difusão do projeto, está pautada no conceito de musealização desse acervo – que tem por característica o desenvolvimento concomitante de ações de preservação, pesquisa e divulgação como estratégias de engajamento e formação de público, beneficiando não apenas pesquisadores interessados diretamente nos documentos e temáticas desse fundo, mas também diferentes comunidades que podem encontrar no legado teórico e empírico de Waldisa contribuições para ações diversas no campo da preservação e acesso ao patrimônio cultural.

Adotamos o conceito de musealização conforme apresentam Mairesse e Desvallées (2014 p. 57): “os objetos ou as coisas (objetos autênticos) são separados de seu contexto de origem para serem estudados como documentos representativos da realidade que eles constituíam”. Nesse sentido compreendemos as consonâncias presentes na proposta de musealização com a difusão dos Arquivos Pessoais.

Waldisa Rússio e seu legado teórico

Waldisa Rússio (1935-1990) se graduou em direito pela Escola de Direito do Largo São Francisco; obteve os títulos de mestre e doutora em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP)- sendo a primeira pesquisadora no Brasil a defender dissertação e tese de pós-graduação na área de Museologia. Atuou profissionalmente como funcionária pública concursada do Governo do Estado de São Paulo, onde ocupou cargos na área de documentação, administração, assistência técnica

administrativa e diretoria técnica na Secretaria Estadual de Cultura e na Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia. Foi a criadora, coordenadora e professora do Curso de Especialização em Museologia, oferecido inicialmente por meio de convênio entre a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e o Museu de Arte de São Paulo. Após a conclusão da primeira turma, passa a integrar a grade de cursos de pós-graduação *lato sensu* da FESP-SP.

Waldisa concentrou sua atuação profissional como museóloga em atribuições de gestão de museus, coordenação de curso e professora na área de museologia. Durante o desenvolvimento de sua carreira, conquistou lugar de destaque na produção intelectual brasileira nas áreas de museologia, preservação do patrimônio cultural e políticas culturais.

Sua contribuição teórica teve grande importância no desenvolvimento de conceitos sobre a Museologia como disciplina científica, principalmente junto ao grupo fundador do *International Committee for Museology* (ICOFOM- Comitê Internacional para Museologia) do International Council of Museums (ICOM - Conselho Internacional de Museus), do qual também foi membro da direção entre os anos de 1983 e 1986. Os esforços empenhados pelos membros e associados desse comitê, advindos das mais diversas nacionalidades, no início de sua instituição, no final da década de 1970, tinham como objetivo comum posicionar a produção teórica da museologia entre as ciências humanas e sociais para garantir que os estudos, pesquisas e iniciativas na área ganhassem *status* científico e relevância profissional, possibilitando o desenvolvimento da área.

Uma importante referência que deflagra a influência da autora na apresentação de novos conceitos e fundamentos para a Teoria Museológica é a citação sobre sua definição de Fato Museal apresentada por Mairesse e Desvallées, autores fundamentais da Escola Francesa, que participaram de encontros e publicações internacionais com Rússio nas décadas de 1970 e 1980 e que se dedicaram na década de 2000 a propor reflexões sobre a atuação do movimento fundador da Museologia como ciência interdisciplinar e seus desdobramentos temáticos. Segundo os autores, a nova abordagem que se dava à museologia naquele período tinha como principais representantes alguns autores, entre eles Waldisa Rússio:

Cette nouvelle approche de la muséologie trouve pour des années son ciseleur sous la plume d'Anna Gregorova: « La muséologie est une Science qui examine le rapport spécifique de l'homme avec la réalité et consiste dans la collection et la conservation, consciente et systématique, et dans l'utilisation scientifique, culturelle et éducative d'objets inanimés, matériels, mobiles (surtout tridimensionnels) qui documentent le développement de la nature et de la société » et « le musée est une institution qui applique et réalise le rapport spécifique homme-réalité. » (Gregorova, 1980 : 20-21.) Les autres membres du comité comprennent très vite qu'un vrai tournant est pris et, à des nuances près, adoptent le même point de vue. Cette relation spécifique qui sous-tend la muséalisation du monde par l'homme est décrite par Waldisa Russio comme « fait muséal » ou par Friedrich Waidacher comme « muséalité » et se présente comme l'objet principal de l'étude de la muséologie : « Même les plus anciennes traces d'activités humaines nous permettent de présumer que nos ancêtres voulaient préserver des témoins matériels de leur monde et les transmettre à la postérité. (DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Sur la muséologie. *In*: Culture & Musées, n°6, 2005)

Considerando as contribuições de Waldisa nesse movimento fundador, podemos destacar dois artigos de sua autoria: “*Méthodologie de la Muséologie et la Formation Professionnelle/Système de la Muséologie*” publicado no *Icofom Study Series*, em 1983, e “*Interdisciplinarity in Museology*” publicado no *MuWop*² n. 2, do ano de 1981, que apresentaram conceitos que influenciaram textos, reflexões e publicações inerentes ao período de reconhecimento da museologia como ciência de caráter interdisciplinar, contrariando a concepção de que se tratava apenas de uma área técnica e que carecia de proposições teóricas.

² *Museological Working Papers* – publicação do ICOFOM que teve duas edições 1980 e 1981, posteriormente foi extinta e as publicações seguintes, intituladas *ISS – Icofom Study Series* apresentavam os textos dos encontros do comitê.

Outra contribuição fundamental foi sua participação como autora dos verbetes em língua portuguesa da 3ª edição do *Dictionarium Museologicum*, publicação criada pela UNESCO, que tinha como objetivo apresentar um vocabulário para a área de museologia em suas dimensões aplicadas e teóricas, comum a diferentes idiomas. Nessa edição, a publicação ampliou seu escopo anterior incluindo novos idiomas como o espanhol e o português. Os trabalhos de pesquisa, análise, revisão e redação dos verbetes em língua portuguesa tiveram como autoras Maria Teresa Gomes Ferreira, Diretora dos Museus Gulbenkian de Lisboa e Waldisa Rússio, convidadas pelos organizadores da publicação, Istvan Eri e Béla Vegh. Esse dicionário tinha como objetivo a produção de um vocabulário controlado para a área de Museologia em 17 línguas, incluindo o Esperanto. Essa obra, que levou aproximadamente 3 anos para ser redigida por um grupo de trabalho internacional que realizava encontros periódicos e foi lançada na Assembleia Geral do *ICOM International* no ano de 1986 em Buenos Aires, por circunstâncias desconhecidas não teve o impacto esperado entre a comunidade museológica brasileira. Um ano após seu lançamento foi sucedido pela publicação “*Thesaurus para Acervos Museológicos*”, lançado pela Fundação Pró-Memória que, entretanto, não tinha as mesmas características do *Dictionarium Museologicum* e era mais voltado ao desenvolvimento de um vocabulário controlado para peças de acervos.

Entre os anos de 1984 e 1987, período concomitante à produção, lançamento e distribuição do *Dictionarium Museologicum*, Waldisa passa a empenhar esforços na interlocução com profissionais e teóricos das áreas de Museologia e de Preservação do Patrimônio de países latino-americanos, participando do movimento de criação do Comitê Regional do ICOM na América Latina. Nesse período ministrou cursos e disciplinas específicas para profissionais de museus do Peru, Equador, Venezuela e México. Ela integra a comissão organizadora e científica do *Simpósio Patrimonio y Políticas Culturales para el Siglo XXI* com Antonio Augusto Arantes (Universidade de Campinas - UNICAMP, Brasil/*International Council on Monuments and Sites* - ICOMOS, Unesco) e Nestor Garcia Canclini (Universidad Autónoma Metropolitana no México), realizado pelo Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH) do México.

No Brasil, a partir de 1985, passa também a atuar como professora convidada de diversos cursos de especialização e extensão em instituições de ensino e órgãos públicos: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Goiás (UFG), Sistema Estadual de Museus de Minas Gerais, Prefeitura de Ribeirão Preto e Secretaria de Cultura do Pará.

Em âmbito internacional, colaborou com a formação de profissionais em cursos ministrados junto ao *Écomusée le Creusot em Montceau-les-Mines*, na França, e aos Museus Gulbenkian, na cidade de Lisboa, em Portugal. Nessas instituições, Waldisa auxiliou analisando e realizando assessoria de projetos educativos e de ação cultural com pleno apoio de suas então diretoras Maria Teresa Gomes Ferreira (Museus Gulbenkian) e Mathilde Bellaigue (*Écomusée le Creusot*). Os principais temas de seus cursos e disciplinas foram: Museologia Social, Teoria Museológica, Administração de Museus, Museologia Popular, Preservação do Patrimônio Industrial, Educação em Museus, Acesso aos Museus e Formação Profissional.

Essas atuações estão presentes no Fundo a partir das mais variadas tipologias – como os folhetos de divulgação dos eventos, cartas que tratavam da organização dos eventos e cursos, cadernos com anotações tanto de conceitos, quanto de relatos referentes às viagens, e relatórios sobre as atividades realizadas – todas elas organizadas a partir das funções de Waldisa Rússio, o que facilita o acesso à pesquisa e ao mesmo tempo mantém as relações entre os documentos.

Entre os resultados preliminares da pesquisa teórica e bibliográfica nos documentos do Fundo Waldisa Rússio é possível estabelecer uma listagem de conceitos originais criados por Rússio ao longo de sua trajetória e novas tendências da área de museologia apresentadas no universo cultural brasileiro, com a devida contextualização e interpretação, considerando nossas especificidades sociais e culturais.

Além da conceituação do “Fato Museal” e de sua afirmação sobre ser ele o objeto de estudo da museologia em textos que apresentam reflexões sobre a relação dos visitantes com os museus e territórios culturais musealizados, Rússio desenvolveu outras reflexões em linhas de pensamento complementares e aproximou tendências da Nova Museologia e da Museologia Social para a realidade dos museus brasileiros, realizando, assim, uma espécie de antropofagia científica³.

³ Essa afirmação toma como referência o Movimento Modernista dos artistas e intelectuais brasileiros no início do século 20 que usava o termo “Antropofagia” para se referir à apropriação das tendências estrangeiras na arte, produção cultural e intelectual para a realidade social de nosso país.

O Fato Museal permanece ainda como a principal contribuição da autora para a Teoria Museológica. O conceito apresentado inicialmente em artigos publicados pelo ICOFOM no *Museological Working Papers 2* (MuWop 2) e em algumas edições do *Icofom Study Series* passa a ser objeto de estudo independente, a partir de seu texto inédito “O Objeto da Museologia” do ano de 1983, redigido para ser publicado na 3ª edição do MuWop do Comitê Internacional, mas que por circunstâncias diversas nunca chegou a ser lançado. O texto original, foi publicado em junho de 2020 em livro especialmente dedicado às contribuições da autora para a Teoria Museológica pelo ICOFOM-LAM⁴. Importante destacar que esse texto permaneceu guardado entre os documentos de trabalho da autora, em um caderno de estudos, e somente foi encontrado e analisado no início da presente pesquisa, em 2018.

A definição de Fato Museal nesse artigo se apresenta da seguinte forma:

Defini, anteriormente, a Museologia como a “Ciência que tem por objeto o fato museal ou museológico, entendido este como a relação profunda entre o Homem e o Objeto, ambos parte da mesma realidade, num cenário institucionalizado, o museu”. Disse, anteriormente, sem aprofundar o afirmado, que essa relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, fração de uma realidade da qual o homem também participa, admite vários níveis e modalidades de conhecimento e, conseqüentemente, vários níveis de consciência. Entretanto, ao definir a “relação” como “profunda”, queria já deixar claro que ela significava algo mais do que um fato natural para inserir-se no contexto dos fatos culturais e da consciência. Retorno, pois, a linha de reflexão, deixando de lado outras indagações, já explicitadas, a meu ver magnificamente, por outros fatores (Stránký, Gregorová e/o), reafirmando apenas que, a meu ver, a Museologia é uma Ciência, mas não a definiria como aplicada, e sim como uma ciência em que a teoria e a prática interagem dialeticamente, uma realimentando a outra. (RUSSIO, 1983 in CARVALHO & ESCUDERO, 2020 p. 63)

Importante enfatizar que grande parte da produção teórica e empírica de Waldisa Rússio não recebeu, até o presente momento, um estudo que tenha analisado profundamente e publicado resultados que revelem o pioneirismo de seu pensamento no tocante ao desenvolvimento de temáticas como: o acesso ao patrimônio cultural, o direito ao patrimônio para diferentes públicos, a acessibilidade para pessoas com deficiência e novos públicos, a perspectiva de descolonização de coleções de museus, a função social dos museus e o museólogo como trabalhador social.

Por esse motivo, grande parte dos dados analisados nesse artigo apresentam conteúdos inéditos que foram consultados diretamente em fontes primárias pertencentes ao Fundo Waldisa Rússio em razão do desenvolvimento da pesquisa em questão.

Breve histórico do Fundo Waldisa Rússio

A maior parte da documentação arquivística sobre sua trajetória e uma coleção livros foi doada por sua mãe Isa Simões ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, no ano de 1992. Essa doação resultou no Fundo Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, com aproximadamente 20 mil documentos salvaguardados, separados por tipologias e acondicionados em embalagens apropriadas à conservação preventiva, no Arquivo do IEB em uma coleção especial de livros com aproximadamente 1500 volumes, que leva seu nome na Biblioteca do Instituto e dois registros na Coleção de Artes Visuais: uma condecoração e um retrato. O Fundo Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, um dos maiores do Arquivo do IEB, recebeu organização somente de conjuntos específicos ou partes, sem, no entanto, uma investigação e sistematização de toda sua extensão, até o ano de 2017, quando foi iniciado um projeto de pesquisa docente por meio do Programa Auxílio à Pesquisa Jovem Pesquisador, da FAPESP.

O Centro de Documentação da FESP-SP, onde Waldisa Rússio atuou como Diretora do Instituto de Museologia e coordenadora do Curso de Especialização em Museologia, ainda preserva um dossiê de documentos relacionados à sua atuação entre os “Ilustres da FESP” e muitos registros relacionados ao

⁴ ICOFOM-LAM é o Comitê de Museologia do Comitê Regional Latino-americano do ICOM.

Curso de Especialização em Museologia, ao Instituto de Museologia e a ASSPAM – Associação Paulista de Museólogos.

Museus, Arquivos Pessoais e Memórias Coletivas

O Fundo Waldisa Rússio, salvaguardado pelo Arquivo do IEB-USP e objeto de análise da pesquisa aqui apresentada, é um Arquivo Pessoal⁵ que apresenta grande volume de documentos relacionados à trajetória profissional de Waldisa Rússio. Essa trajetória engloba a criação de políticas culturais e instituições museológicas no Estado de São Paulo, o ensino e pesquisa na formação de museólogos e profissionais de museus engajados com as questões sociais de seu tempo e a produção teórica da autora, seja na forma de materiais finalizados – textos publicados e inéditos – seja na forma de produção teórica em sua gênese – anotações, fichamentos, rascunhos e referências bibliográficas nas áreas de Museologia, Preservação do Patrimônio Cultural, Acesso aos Museus e ao Patrimônio Cultural e Políticas Públicas de Cultura.

Pela natureza de seus principais campos de atuação ligados à criação, renovação e planejamento de instituições museológicas e ao desenvolvimento e consolidação da museologia como disciplina científica, a equipe de pesquisadores do projeto passou a estabelecer relações entre os Museus, os Arquivos Pessoais (em nosso caso o Fundo Waldisa Rússio, mas já propondo algumas interlocuções com outros fundos e coleções pessoais salvaguardados no Arquivo do IEB-USP como os de Ernani Silva Bruno⁶, Camargo Guarnieri⁷, Aracy Abreu Amaral⁸, entre outros) e as Memórias Coletivas que são potencializadas a partir dos documentos do fundo em sua inter-relação com questões atuais na agenda dos museus e das pesquisas na área de museologia.

Tomando como exemplo o processo de trabalho dos pesquisadores do projeto em questão, que, em sua maior parte são da área de museologia, podemos inferir que existe um campo de trabalho e investigação bastante profícuo no entrelaçamento entre Museus, Arquivos Pessoais e Memórias Coletivas, uma vez que os Arquivos Pessoais, em sua maioria, e se neles for dedicado o devido trabalho de pesquisa e curadoria, possuem um grande potencial de musealização, tanto no aspecto de preservação de seu conjunto de documentos, quanto nas possibilidades de comunicação das informações neles contidas para ampliar seu alcance e uso em diferentes contextos.

A natureza do processo de musealização dos documentos de Arquivos Pessoais contribui com a criação de sentidos diversos por diferentes indivíduos e grupos, que por consequência corroboram com o afloramento de Memórias Coletivas.

Esse processo comprova que os documentos de Fundos pessoais, ao serem submetidos às práticas de preservação e extroversão em instituições de memória, ganham novos usos e configurações a partir de sua função original de comprovar atividades e fatos da vida dos indivíduos e instituições que os constituíram, já que, como “instrumentos e produtos das ações de indivíduos e instituições, tais documentos continuam a representá-las mesmo quando as razões e os agentes responsáveis por sua criação se transformam ou deixam de existir” (CAMARGO, 2009, p. 28). Isso acontece, por exemplo, quando as práticas de difusão associadas à musealização do acervo impelem e permitem novas leituras e usos dos documentos, tal como a documentação referente às Oficinas Infantis organizadas por Waldisa Rússio, que originalmente era registro de uma atividade da museóloga, serviu também como inspiração e como fonte para a implementação de novas oficinas promovidas por membros do projeto de organização do Fundo.

⁵ O Arquivo Pessoal é aqui tratado como um conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma pessoa no desempenho de suas atividades, tendo o status de arquivo permanente, ou seja, que será custodiado por sua instituição de guarda em caráter definitivo, por seu titular ter alcançado “alguma expressão ou proeminência no mundo da política, da ciência, das artes, do direito, da filosofia ou da literatura” (CAMARGO, 2009, p.29); pois esse artigo trata somente de arquivos permanentes e institucionalizados.

⁶ Ernani Silva Bruno (1912-1986) foi um jornalista, intelectual e historiador brasileiro, primeiro diretor do Museu da Casa Brasileira, trabalhou diretamente com Waldisa Rússio na Secretaria de Estado da Cultura, no Museu da Casa Brasileira e no projeto de criação do Museu Casa de Guilherme de Almeida.

⁷ Camargo Guarnieri (1907-1993) foi um compositor, regente e pianista de grande importância no Brasil. Fundador do Festival de Inverno de Campos do Jordão e da Orquestra Sinfônica da USP (OSUSP) onde também atuou como regente durante longo período. Contou com a colaboração de Waldisa Rússio como secretária executiva da comissão de criação do Festival de Inverno de Campos do Jordão, junto ao Governo do Estado de São Paulo.

⁸ Aracy Abreu Amaral é uma crítica e curadora de arte atualmente professora-titular de História da Arte pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, também foi diretora da Pinacoteca do Estado de São Paulo (1975-1979) e do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1982-1986). Realizou curadoria de várias exposições no país e publicações com temas de Crítica e História da Arte.

Os Arquivos Pessoais configuram, atualmente, um grande conjunto de documentos, livros e objetos, presentes nas instituições de memória do nosso país, tendo ganho espaço em instituições arquivísticas inicialmente voltadas para arquivos institucionais, como por exemplo o Arquivo Nacional⁹, e contando com instituições especializadas em arquivos desse tipo, como o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), a Fundação Casa de Rui Barbosa e o próprio IEB-USP, que possui fundos pessoais de artistas e intelectuais ligados a diversas áreas de conhecimento, com ênfase na produção cultural e artística brasileira. Entre eles podemos destacar, além dos já citados aqui, os de Anita Malfatti, Caio Prado Jr., Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Milton Santos, Manuel Correia de Andrade, Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza, entre muitos outros.

Tendo em vista a representatividade desse conjunto de fundos, as pesquisas e práticas desenvolvidas nessa instituição podem ser consideradas de referência nacional na preservação de Arquivos Pessoais e na colaboração com os processos de extroversão junto a projetos que propõem o diálogo entre esses arquivos e a museologia.

A equipe do projeto tem tido a oportunidade de vivenciar e aprender sobre a organização arquivística de um fundo pessoal, com o acompanhamento da equipe de colaboradores da instituição, profissionais especialistas em Arquivologia e Ciência da Informação, e que contam com a consultoria de pesquisadores e professores altamente especializados em Arquivos Pessoais e Institucionais.

No que tange às ações de extroversão, vale ressaltar o fato de documentos de alguns dos fundos do IEB-USP e de outras instituições comporem exposições museológicas dedicadas aos titulares dos fundos ou a relações que os mesmos estabeleceram com grupos e movimentos culturais, artísticos e intelectuais. A possibilidade de difusão da informação de forma dialógica, lançando mão das diferentes possibilidades inerentes à cadeia operatória da museologia, especificamente nas atividades de curadoria, expografia, ação cultural e educativa, possibilita que os Arquivos Pessoais sejam apresentados a um público mais amplo, criando novos interesses, olhares e possibilidades não previstas em seu processo de institucionalização.

Conforme afirma Smit em sua proposição teórica das “3 Marias”, existem, no campo profissional e acadêmico, alguns desencontros entre os profissionais de museus e os documentalistas dos arquivos.

A categoria dos documentalistas, em particular, diversificou-se ao longo do tempo para um leque de expressões tais como “administradores” ou “gestores da informação”, “analistas” ou “especialistas da informação”, e assim por diante. A essas duas categorias profissionais associei ainda os museólogos, denominando a família profissional pela expressão “3 Marias” (SMIT 1993), numa tentativa de atingir uma simplificação didática sem pretender refletir o espectro profissional em todas suas nuances. A denominação “3 Marias” visa, portanto, resumir uma situação, identificando cada categoria profissional como uma Maria e reunindo as três irmãs (uma loira, uma morena e uma ruiva) numa família na qual cada irmã ignora em boa parte a atuação profissional, os princípios teóricos e as metodologias de trabalho das demais. (SMIT, 2001, p. 2)

Mesmo cientes disso, podemos afirmar que, por outro lado, o estabelecimento de parcerias científicas e empíricas interdisciplinares que corroborem para a difusão dos Arquivos Pessoais por meio das práticas museológicas de extroversão – pesquisa, curadoria e comunicação – são fundamentais à sustentabilidade dessas áreas no atual cenário social. Nesse sentido, parafraseando Smit, as 3 Marias apresentam muitas semelhanças em seus métodos de preservação da memória e extroversão, sobretudo na gestão da informação, tendo o público/usuário como centro da cadeia operatória de suas ações e reflexões. Segundo a autora:

O gerenciamento de estoques informacionais, e sua utilização, pode ser

⁹ Em levantamento feito partir da base de dados principal do Arquivo Nacional é possível observar como “dos 901 conjuntos documentais custodiados pela instituição [...] mais de 200 se configuram como fundos ou coleções pessoais ou familiares” (DUARTE, 2018, p. 90).

distribuído em 3 grandes grupos de atividades:

- Gestão da memória - seleção, coleta e avaliação de documentos e estoques informacionais;
- Produção de informação documentária - representação da informação estocada e consequente produção de informação documentária (bases de dados, catálogos, resumos, etc.);
- Mediação da informação - a comunicação de informações objetivando uma efetiva transferência da informação, em função das necessidades informacionais dos usuários.

Este modelo subentende uma distinção entre a informação produzida e registrada pela sociedade (o “input” do sistema) e a informação produzida pelos arquivos e bibliotecas (“output 1” do sistema), objetivando propiciar o acesso às informações estocadas (“output 2” do sistema). (SMIT, 2001, p. 7)

Gerir implica preservar, produzir informação implica organizar, mediar leva à possibilidade de transferir. Neste ponto Smit nos permite trazer para a reflexão a afirmação de Pinto, na qual a autora apresenta as seguintes considerações acerca das relações entre museologia e arquivos pessoais na criação de memórias coletivas:

Museus, bibliotecas, arquivos, todos ao pôr em cena uma visão sobre determinado fato, acontecimento, personagem, não estão colocando uma história em si mesma, e sim, uma leitura possível e historicamente condicionada. É necessário reverter essa ação. No campo museal essa leitura significa olhar o objeto e ser olhado por ele. (PINTO, 2013, p. 93)

Aqui, cabe a questão: ao tornar acessível um documento ou um conjunto de documentos de um fundo pessoal, por meio de um trabalho de curadoria que resulta em uma exposição museológica presencial ou mesmo virtual, seria possível determinar o alcance específico de seus significados e leituras, uma vez que os indivíduos que irão entrar em contato com os documentos possuem diferentes repertórios, trajetórias, interesses e conhecimentos que irão conduzir sua experiência?

Um outro fator a se considerar é que a natureza de documentos de um fundo pessoal – cadernetas, correspondências, fotografias de família, boletins escolares, listas de compras e de atividades, convites, recibos, bilhetes, cartões – quando apresentada de forma organizada em uma exposição, em um portal na internet submetido a uma pesquisa curatorial ou em uma ação educativa conduzida (aula, oficina, curso de extensão, *workshop*) oferece aproximações com o cotidiano e com as histórias pessoais dos interlocutores que configuram o público dessas ações e é por isso que a dimensão apresentada por Pinto e outros autores da museologia de “olhar o objeto e ser olhado por ele” ocorre com mais naturalidade na extroversão dos documentos desses fundos, por uma questão de pertencimento e identificação pessoal e afetiva.

Esse fenômeno se faz possível nas ações de extroversão das instituições museológicas pela natureza das ações desencadeadas pelo “Fato Museal” – a relação entre o homem e o objeto em um cenário institucionalizado – o museu. Esse conceito foi desenvolvido por Waldisa Rússio em suas proposições teóricas e empíricas acerca do objeto de estudo da Museologia e que influenciou todo o campo da disciplina e das ações empíricas em museus, em âmbito nacional e internacional, a partir do final da década de 1970.

Nesse sentido podemos afirmar que as exposições e ações de difusão cultural com caráter museológico representam grande potencial de extroversão dos Arquivos Pessoais no sentido da criação de Memórias Coletivas. Entretanto, é importante enfatizar que existe uma distinção fundamental entre a natureza patrimonial ou a gênese de constituição das coleções museológicas e dos fundos arquivísticos, o que irá conduzir as relações entre essas áreas de conhecimento, nas ações de pesquisa e extroversão.

Para se constituir uma verdadeira coleção, é necessário que esses

agrupamentos de objetos formem um conjunto (relativamente) coerente e significativo. É importante não confundir coleção e fundo, que designa na terminologia arquivística, um conjunto de documentos de todas as naturezas “reunidos automaticamente, criados e/ou acumulados, e utilizados por uma pessoa física ou por uma família em exercício de suas atividades ou de suas funções” (*Bureau Canadien des Archivistes*, 1990). No caso de um fundo, contrariamente a uma coleção, não há seleção e raramente há a intenção de se constituir um conjunto coerente. Seja ela material ou imaterial, a coleção figura no coração das atividades de um museu. (MAIRESSE; DESVALLÉES, 2014, p. 32)

E é consciente dessa diferença que as parcerias entre os Museus e Arquivos podem fazer uso da extroversão dos arquivos pessoais, que são arquivos de pessoas, e como tal, abrem as portas para a aproximação com diversos públicos, de forma mais ampla, principalmente com as novas gerações e com suas demandas sociais e políticas. Apostamos que, muitas vezes, a criação de sentidos e o pertencimento se consolidam de forma mais espontânea na identificação com uma personalidade e suas características do que com obras de arte e artefatos históricos expostos em museus. Nesse sentido Ulpiano Bezerra de Meneses traz à discussão elementos sobre a relação entre museus e movimentos sociais na França da segunda metade do século XX.

Em maio de 1968, no auge da rebelião estudantil – que logo assumiu feições de movimento social e da França estendeu-se por boa parte do mundo ocidental – dizia-se que era preciso “incendiar o Louvre”, então considerado protótipo do almoxarifado de um patrimônio burguês. Funcionando como “templos”, os museus apenas homologariam os valores da burguesia. A única alternativa possível seria, assim, substituí-los pelos “fóruns”, espaços da criação, do debate, da interação. Giulio Carlo Argan, por exemplo, propôs que o museu de arte contemporânea, distinto do museu de arte antiga, “histórico” e, portanto, “patrimonialista”, dispensasse acervo, para transformar-se num espaço de efervescência criativa. Como se a perspectiva histórica não fosse criativa e como se as funções “documentais” não gerassem democratização, ao ampliar no tempo e no espaço o acesso de um número infinitamente maior de fruidores dessa efervescência; e como se a cidadania pudesse germinar independente da consciência histórica. (MENESES, 1994, p. 11)

Segundo o autor, é necessário que exista uma negociação, isto é, um equilíbrio entre a perspectiva histórica, a efervescência criativa, o acesso e a democratização, aliando a necessidade de manutenção da preservação e a desconstrução por meio de processos de descolonização. Os museus, em suas ações de extroversão, têm como desafio de longo prazo desconstruir as barreiras de fruição inerentes à origem aristocrática de suas coleções, que na maior parte das vezes foi formada por meio de apropriações, saques, processos de dominação cultural e doações de mecenas (banqueiros, colecionadores particulares, políticos, empresários de grandes corporações). Não podemos deixar de lembrar que na área de Museologia, principalmente nos campos da pesquisa, curadoria, comunicação, expografia e educação museal, têm sido realizados muitos estudos e experiências práticas que se propõem a desconstruir essas barreiras por meio de estratégias de aproximação e criação de sentidos com públicos diversos. Novas leituras. Novas formas de olhar e de ser olhado.

A difusão cultural, área que engloba os processos de pesquisa, curadoria, comunicação, expografia e educação museal, tem como urgência atual considerar as premissas dos movimentos de vanguarda da museologia como a Nova Museologia e a Museologia Social, que consideram que o público/os indivíduos são o centro de sua atuação; e que esse público é composto de pessoas diferentes, tendo em vista os direitos humanos e culturais, pelos quais se compreende que a norma é a diversidade de corpos e formas de agir e pensar no mundo.

Segundo Rússio:

O museu vive essencialmente do seu público, ou seria mero depósito, se admitíssemos o contrário. Assim é imprescindível que o público se sinta bem e à vontade na “casa dos objetos”: acesso fácil e cômodo (há que se pensar em crianças, em idosos e em deficientes físicos), áreas de repouso intervalando a caminhada pela exposição e, sobretudo, uma atmosfera agradável (suportes que não forcem exercícios de extensão e flexão do corpo e luz que não ofusque nem force a exageradas e frequentes acomodações do olho). (RÚSSIO, 1982 apud BRUNO, 2010B, P. 279)

O conteúdo dos Arquivos Pessoais constitui uma fonte de possibilidades de diálogos, de encontros, de identificação com uma pessoa real. Fonte essa que não pode ser dissociada da perspectiva histórica: são narrativas que devem ser analisadas de forma crítica, para que a apropriação aconteça de forma criativa. É esse o potencial inerente a esses arquivos, carecendo apenas, em alguns casos, da conscientização e do conhecimento para tornar os conteúdos mais dialógicos.

No arquivo, o relevo se organiza, basta saber lê-lo; e perceber que existe produção de sentido nesse lugar, mesmo onde as vidas colidem com o poder sem que tenham optado por isso. É preciso ordenar pacientemente essas situações trazidas à luz por esse choque súbito, demarcar as discontinuidades e as distâncias. O real do arquivo torna-se não apenas vestígio, mas também ordenação de figuras da realidade; e o arquivo sempre mantém infinitas relações com o real. (FARGE, 2017, p. 35)

No que tange à pesquisa e curadoria em Arquivos Pessoais, podemos afirmar que, levando em conta a necessidade de entender o documento de arquivo no interior de seu contexto de produção, visto que em um arquivo pessoal “os documentos do titular compõem-se de inúmeros registros acumulados, cuja função se descola, muitas vezes, dos aspectos informativos imediatos” (LOPEZ, 2003, p. 76), é possível investigar diferentes níveis de informação presentes no documento a partir de uma compreensão do conjunto. Para tanto, precisamos nos atentar para o contexto de produção e acumulação, para a massa documental, o que faz com que seja essencial não apenas a análise individual de cada item, mas também sua relação como restante da documentação acumulada pelo titular do fundo, entendendo que é “a pessoa, a partir de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo” (HEYMANN, 1997, p. 42). Isso significa que, algumas vezes, a seleção e mesmo a remoção intencional de documentação é feita pelo titular do fundo, mas ao mesmo tempo pode corroborar a ideia de que um fundo é um tipo de reflexo de seu acumulador, sendo possível, através dele, depreender um recorte específico da vida ou da obra de seu titular, como, por exemplo, o processo de formação do pensamento na formulação de um tema.

O arquivo copiado à mão em uma página em branco é um fragmento de tempo capturado; só mais tarde separam-se os temas, formulam-se as interpretações. Isso toma muito tempo e às vezes faz mal ao ombro, provocando estiramento no pescoço; mas ajuda a descobrir o sentido. (FARGE, 2017, p. 23)

No trabalho de pesquisa em um fundo de Arquivo Pessoal e nos processos de curadoria de enfoques específicos suscitados a partir de seus documentos, torna-se possível identificar eixos condutores de Memórias Coletivas, uma vez que os diferentes públicos das ações de extroversão apresentam mais interesse em acessar histórias reais de pessoas comuns, ou ainda de conhecer aspectos singulares do cotidiano de artistas, intelectuais e profissionais de áreas diversas que contribuíram para o desenvolvimento de suas esferas de atuação e para novas concepções sociais, do que de heróis, estadistas, figuras religiosas e seu ímpeto de colecionar seja para fins de vaidade, deleite ou até de investimento financeiro em um mercado paralelo.

Segundo Nora: “A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada... A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (1993, p. 8). É nesse sentido

que o Arquivo Pessoal torna tangível um universo de relações, de informações e de processos que podem coincidir com as experiências de outras pessoas. Porém, novamente, é necessário estar alerta para a questão do contexto. Nessa mesma obra, um pouco adiante, Nora alerta que:

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. (NORA, 1993, p. 15)

Podemos considerar que o conceito de Memórias Coletivas, como um fenômeno contemporâneo, é devidamente representado pela afirmação acima. Ou ainda, uma das razões pelas quais se torna fundamental a musealização de enfoques específicos dos Arquivos Pessoais é o fomento de reflexões acerca dessas memórias que, por sua vez, refletem o espírito de nosso tempo, no qual a produção e o acúmulo de informações em suportes diversos, sejam em meios físicos ou virtuais, são valorizados e respeitados como “prova”. Por muito tempo, essas provas tinham validade quando relacionadas ao poder, mas isso vem sofrendo mudanças.

Para Winter (2006), a memória coletiva não está apenas na esfera do poder. Diferentes comunidades possuem suas narrativas e reivindicam uma identidade coletiva, questão essa, também explicitada por Nora (1993). “Muitos grupos étnicos e minorias desprivilegiadas exigem seu direito à palavra, à ação e o direito de conquistar sua liberdade ou a sua autodeterminação” (WINTER, 2006, p. 70). Independente do Estado, estas minorias constroem sua própria história gerando uma memória coletiva. Ou seja, algumas ações se iniciam com o poder e para o poder, mas diante das lutas das comunidades em criar suas próprias narrativas, a preservação da memória vai além dessas esferas. (PINTO, 2013, p. 94)

Os Arquivos Pessoais entram nesse cenário como uma fonte possível de outras vozes, ainda que não vindas somente de minorias desprivilegiadas. São vozes e narrativas que se constituem como ações políticas ao dar o direito à palavra a uma pessoa comum.

Considerações Finais

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história. Sem dúvida é impossível não se precisar dessa palavra. Aceitemos isso, mas com a consciência clara da diferença entre memória verdadeira, hoje abrigada no gesto do hábito, nos ofícios onde se transmite os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de impregnação e os saberes reflexos e a memória transformada por sua passagem em história, que é quase o contrário: voluntária e deliberada, vivida como um dever e não mais espontânea; psicológica, individual e subjetiva e não mais social, coletiva, globalizante. Da primeira, imediata, à segunda, indireta, o que aconteceu? Pode-se apreender o que aconteceu, no ponto de chegada da metamorfose contemporânea. (NORA, 1993, p. 14)

Presenciamos, atualmente, nos Arquivos, Bibliotecas e Museus, um movimento alavancado pelo público jovem, em protagonizar e militar por ações de pesquisa e difusão que garantam que questões sociais e

identitárias contemporâneas sejam representadas nos discursos, nas exposições, nas ações culturais e educativas, na curadoria de ações de difusão em redes sociais e, conseqüentemente, nas missões dessas instituições.

Trata-se de um fenômeno atual, no qual jovens e líderes de movimentos sociais identitários e de causas como os direitos culturais das minorias, aproximam-se das instituições de memória questionando as razões relacionadas à exclusão de sua militância e interlocução no universo patrimonial. Esse movimento pode ser considerado como a luta pelo direito ao pertencimento junto às instituições que outrora eram consideradas representantes da história oficial e de uma suposta única memória coletiva.

Nesse âmbito presenciamos iniciativas de exposições, ações culturais e educativas, principalmente, que discutem questões de gênero, etnias, corporeidades diversas e novas identidades junto às instituições de memória. Essa atuação por parte das instituições vai na direção do que Walter Benjamin coloca como a missão do historiador na Tese VII sobre o conceito de história: escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 2012 p. 13). Ou seja, tratando a história oficial como a história dos vencedores, os grupos oprimidos colocam em xeque a leitura dos fatos realizada pelas classes dominantes e propõem uma releitura revelando a realidade violenta a partir da qual foram produzidos os bens culturais e patrimoniais salvaguardados por essas instituições.

Podemos considerar que existe um grande potencial de diálogo entre o Fundo Waldisa Rússio e as discussões sobre as memórias coletivas. Uma das ações dos pesquisadores do projeto, – o trabalho de difusão – fomenta reflexões relacionadas à identidade e à representatividade, a partir da extroversão dos documentos que, por sua vez, apresentam potencial para o estabelecimento de diálogo com as novas demandas sociais e as reivindicações do público jovem das instituições de memória. É, pois, nesse cenário que a experiência de sistematização do Fundo Waldisa vem permitindo o estabelecimento de reflexões sobre a potência existente na intersecção de discussões sobre Museus, Arquivos Pessoais e Memórias Coletivas, que requerem um enfoque interdisciplinar que una áreas como a Museologia, a Ciência da Informação, a Arquivística, a Biblioteconomia, a História e a Antropologia.

Referências

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. O Anjo da História. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado / Secretaria de Estado da Cultura / Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos Pessoais são Arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, n.2, pp. 26-39, jul-dez. 2009.

CARVALHO, Luciana Meneses; ESCUDERO, Sandra (eds). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Teoria Museológica Latino-americana- Textos Fundamentais. ICOFOM/ICOFOM-LAM/ICOM. 2020

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.) *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DUARTE, Renato Crivelli. Arquivos pessoais: institucionalizações e trajetórias (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Marília: Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

FARGE, Arlette. O Sabor do Arquivo/ Arlette Farge; tradução Fátima Murad. -1. Ed, 1. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-60, jul. 1997.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, p. 9-42, jan/dez, 1994.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História – Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez 1993.

PINTO, Suely Lima de Assis. Museu e Arquivo como lugares de memória. In: *Museologia & Interdisciplinaridade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília*, Vol II, n.3, maio-junho de 2013.

SMIT, Johanna W. Arquivologia/biblioteconomia: Interfaces das ciências da informação. In: *Informação & Informação*. Londrina, v.8, n.1, jun./dez. 2003.